



Arcam DiVA A90

A vantagem de ser neutro

A Arcam é uma marca bem conhecida dos nossos leitores, contando já com a análise crítica de diversas propostas na *Audio & Cinema em Casa*. A história desta empresa remete para o início da década de 70, quando dois estudantes da Universidade de Cambridge iniciaram a produção de amplificadores para amigos. O espírito de iniciativa e o saber fazer perseverou e em 1976 nasce o A60, o primeiro amplificador integrado da então recente A&R Cambridge Ltd. (Amplification & Recording Cambridge). Conhecida actualmente pelo nome de ARCAM, essa realização empresarial e tecnológica liderada por John Dawson é responsável por uma gama de produtos de sucesso que lhe permitiu obter uma escala de produção e uma reputação verdadeiramente assinaláveis.

Quando se atinge esta escala de negócio e de prestígio, um dos desafios que se impõe aos fabricantes é a substituição de produtos que tiveram um ciclo de vida comercial repleto e que deixaram boas memórias na comunidade audiófila. Neste caso, o desafio é a substituição do amplificador integrado DiVA A85, lançado em 2000, pelo DiVA A90 que vamos analisar.

As funcionalidades

Apesar de a nossa atenção se centrar apenas no Arcam A90, importa realçar que este produto manteve a linha estética do seu antecessor. Em equipa vencedora não se mexe (muito) e a Arcam criou uma imagem bem conseguida e articulada para o conjunto dos seus produtos, tendo conquistado o seu espaço no distinto grupo de equipamentos de *hi-fi* cuja colocação na sala de estar, num escritório ou num quarto tem a aprovação, em geral, de ambos os sexos, conferindo modernidade ao ambiente que o rodeia.

O *design* do amplificador concilia de um modo harmonioso a forma e a funcionalidade. Este não é um factor de somenos relevância, dado que o A90 apresenta uma vasta gama de opções de fácil configuração pelo utilizador. Por exemplo, é possível determinar a equalização de graves e agudos e equilibrar os diferentes níveis de volume perceptíveis para cada um dos *inputs*, nivelar o balanço entre os dois canais, escolher a forma de exibição do nível de volume no mostrador (gráfica, numérica, etc.), bem como escolher entre dois graus de intensidade luminosa do ecrã *dot matrix* e escrever uma mensagem de

«boas-vindas», entre outras funcionalidades que apelam à leitura do curto manual de instruções e à posterior experimentação.

No centro das operações está o selector rotativo digital que permite controlar o volume dos diversos *outputs* e, quando combinado com os botões *select* e *enter*, navegar pelas diferentes hipóteses de configuração. O A90 permite optar por três formas de ajustar o volume: *standard*, *fine sensitivity* ou *reference*. Esta última escolha determina variações de 0,5 dB, possibilitando afinações muito precisas e uma progressão linear que podem causar alguma estranheza ao utilizador. Habitualmente os amplificadores desta potência têm a sua zona de volume habitual para audição algures entre 25% e 60% da amplitude máxima do controlo de volume. Neste Arcam, o intervalo mais comum de audição situa-se na segunda metade do cursor digital do volume, que pode ser (ab)usado integralmente, embora com algum risco para os ouvidos e para as relações com os que nos rodeiam.

No que toca à conectividade, a versatilidade estende-se à possibilidade de

ligar separadamente dois pares de colunas que podem ser activadas e desactivadas através de dois botões no painel frontal, onde existe também uma entrada para auscultadores que não interfere com as colunas. Outro ponto positivo é que o controlo remoto opera todas as funcionalidades que referimos, dispondo ainda de uma opção de *mute* e estando preparado para operar as restantes componentes da marca, como o rádio ou leitor de CD.

Os *inputs* abrangem uma panóplia de ligações como DVD, AV, Rádio, CD, Aux e Phono (necessita de módulo), TAPE, VCR/TAPE, permitindo a realização de gravação directa tipo *dubbing* (TAPE para TAPE ou VCR para TAPE, mas não TAPE para VCR), enquanto se ouve uma outra fonte, por exemplo um CD. As restantes ligações e selectores traseiros denunciam que o A90 está igualmente preparado para funcionar como um amplificador de potência, assumindo as especificações do Arcam P90, como um pré-amplificador ou para a biamplificação.

A designação DiVA (Digitally integrated Video and Audio) revela que este produto pode operar como o centro sonoro de um sistema de cinema em casa, recebendo um módulo que amplia a sua capacidade de recepção para 7.1, sendo necessário utilizar para o efeito um leitor de DVD equipado com o decodificador Dolby Digital/DTS e emparceirá-lo, por exemplo, com os amplificadores de potência de três canais Arcam P90/3 (para se obter um sistema 5.1) e dois canais Arcam P90/2 (para se chegar aos 7.1).

Interessa ainda referir que se trata de um amplificador de 90 W de potência para cada um dos dois canais a 8 Ohm de impedância, 9 kilogramas de peso, distribuídos de forma desigual devido ao volumoso transformador toroidal situado no lado direito, 43,5 cm de largura, 34 cm de profundidade e 10 cm de altura, e o nível de acabamentos a que a Arcam já nos habituou.

Não tendo esgotado as características e as opções técnicas colocadas ao dis-



por do utilizador, que poderão parecer excessivas para uns, mas mais-valias para outros, é tempo de nos dedicarmos ao perfil sonoro deste amplificador.

As audições

No áudio, como noutras coisas na vida, a primeira impressão é importante. Quanto mais não seja, porque essa impressão sugere o percurso de análise subsequente, quer se trate de uma opção consciente ou não. O Arcam em teste já tinha sido rodado e a primeira audição dos registos musicais escolhidos para o teste evidenciou um desempenho equilibrado e uma agradável presença dos registos graves com clareza e precisão.

O tempo passado com o A90 foi amplo e diversificado. Tendo começado por analisar prolongadamente o

seu comportamento com as colunas RS1 da Monitor Audio e o leitor Primo CD da Audio Analogue ligados por cabos da Écosse, houve ainda oportunidade de apreciar a performance deste produto alimentado pelos leitores de CD Cyrus 8 e Advance Acoustic MCD203 MKII. E o que se ouviu do Arcam na condução destes conjuntos, para além do equilíbrio e controlo tonal já referidos? Levantando antecipadamente um pouco do véu: transparência.

Os traços que definem o desempenho do Arcam poderão não aparecer de uma forma tão evidente como acontece em produtos de outras marcas, devido à maior imparcialidade deste amplificador. Se se procurar atribuir uma etiqueta imediata ao A90, do tipo analítico, quente, frontal ou outra, podemos ser confronta-

TESTE Arcam DiVA A90



dos com aquele encolher de ombros de quem não sabe verdadeiramente o que dizer. Nesse momento, há que dar tempo ao tempo e começar a procurar, senão qualidades distintivas, então defeitos. Ora ouçamos.

A interpretação de Patricia Barber do tema *Nardis*, composto por Miles Davis, apresentou-se com uma boa conciliação de suavidade e energia, um som sempre consistente na gestão das oscilações e temperamentos rítmicos, e satisfatoriamente claro na

exposição das características de timbre de cada instrumento.

Quando provocado por temas com elevado protagonismo da guitarra-baixo e do bombo da bateria, como acontece em *Feeling Good Inc.* dos Gorillaz, o Arcam confirmou a sua capacidade de controlar os registos mais baixos, revelando aquela área tonal de uma forma segura e limpa e conferindo ao registo uma leitura temporal correcta. Uma breve experiência com umas colunas de chão

ampliou de forma evidente a validade deste veredicto, demonstrando que a reprodução de uma maior extensão de graves não é obstáculo à eficácia deste amplificador.

Os aspectos dinâmicos são igualmente resolvidos com integridade nas impulsivas interpretações de Mischa Maisky das Suites para Violoncelo compostas por Bach e no *Allegro com Brio* da Sinfonia n.º 25 de Mozart. De facto, as variações de volume não nos afastam da música nem, pelo contrário, nos agridem, conferindo espaço à expressividade melódica e mantendo aquele nível de presença e detalhe que nos liberta da tentação de pegar no comando para aumentar ou diminuir o volume.

Na música clássica, no *jazz* e nos registos vocais, é apreciável o equilíbrio tonal, com uma área de agudos líquidos e fluidos, sem nota de agressividade, uma presença coerente e com corpo da gama média, mas sem sinais de autoridade nem inibição, e a já referida clareza e precisão da exposição dos graves. No entanto, nada se destaca e tudo se harmoniza, sem atropelos nem neblinas. Poder-se-ia dizer que o Arcam não tem verdadeiras preferências, muito embora os restantes componentes do sistema acabem por aproveitar esta relativa neutralidade para mostrar a sua natureza.

Não tendo uma personalidade analista, é notório o sentido de transparência face ao estilo do artista, que permanece evidente tanto nas faixas mais intimistas das composições de Yann Tiersen, como nos seus registos mais optimistas e voláteis. De forma idêntica, sem revelar esforço nem descrédito, as tonalidades melancólicas





da voz de Beth Gibbons aparecem de um modo natural nos ambientes nocturnos e teatrais de Portishead.

Nas actuações orquestrais ou de formações musicais mais compactas, o palco sonoro invoca a tridimensionalidade e indica a zona de presença dos músicos sem entrar em detalhes cartográficos que nos afastem da noção do todo dinâmico. As boas companhias de John Coltrane em *My Favourite Things* são reveladas com cumplicidade e personalidade próprias, mas sem compartimentações espúrias e individualistas.

Por todas estas razões, a versatilidade do Arcam Diva A90 estende-se à esfera do *rock* e da *pop* sem quaisquer dificuldades, demonstrado um perfil eclético e imparcial, com uma fluidez e frontalidade sem excessos.

Conclusão

Com um desempenho sem compromissos para o seu segmento de preços e uma leitura isenta, que não acrescenta paixão nem se dirige ao intelecto, o A90 gere a informação que obtém da fonte com uma sinceridade apreciável e que é transmitida sem rodeios nem condimentos às colunas. Para quem aprecie a neutralidade do equipamento e prefira que sejam todos os pormenores que ocorrem até à produção em estúdio dos registos musicais (inclusive) a definir como se ouve a música, este amplificador tem argumentos inequívocos.

De facto, esta proposta da Arcam situa-se num espaço em que a con-

corrência é forte e diversificada, havendo amplificadores com maior musicalidade, em que tudo soa de um modo mais acolhedor, ou com maior detalhe e capacidade analítica. Mas o particularismo não é a força do A90. Sem falhas nos aspectos essenciais, este amplificador é correcto e consistente no seu todo, abrindo espaço a consensos que, como sabemos, não são comuns no mundo audiófilo.

Se a nossa memória da história está repleta de dirigentes carismáticos,

todos sabemos que não é necessário falar mais alto, nem ter uma personalidade desequilibrada para se ser um verdadeiro líder. A Arcam demonstra que o sabe bem, apresentando um amplificador com uma mente aberta e um carácter diplomata, a incluir na lista de audições de quem não quer passar ao lado de uma boa escolha.

Preço: 1.595,00 €

Representante: Topaudio

Tel.: 234 37 71 83

Especificações

Potência contínua de saída por canal	
Ambos a 8Ù, 20 Hz-20 kHz	90 W
Canal único a 4Ù	150W
Distorção 8Ù, 80% potência, 1 kHz	0,008%
Sensibilidade de entrada	2,5 MV 250 UV
Geral	
Consumo de potência (máx.)	800 VA
Dimensões (A x L x P)	100 mm x 435 mm x 340 mm
Peso	9 kg
Cores disponíveis	Preto e prateado

Discos utilizados nas audições

Tema(s)	Intérprete - álbum
Allegro com Brio da Sinfonia n.º 25 de Mozart (KV183)	Orquestra Filarmónica de Viena sob a condução de Leonard Bernstein (Deutsche Grammophon 1990)
Feeling Good Inc.	Gorillaz (Demon Days, Virgin 2005)
Lilac Wine	Jeff Buckley (Grace, Columbia 1994)
My Favourite Things	John Coltrane (My Favourite Things, Atlantic 1961)
Part I	Keith Jarrett (The Köln Concert, ECM 1975)
Roads	Portishead (Dummy, Go! Discs/London 1994)
Suites para Violoncelo (BWV 1007-1012)	Mischa Maisky (J. S. Bach: 6 Cello-Suites, Deutsche Grammophon 1999)
Vários	Patricia Barber (Café Blue, Blue Note 1994)
Vários	Sting (Fields of Gold: the Best of Sting 1984-1994, A&M 1998)
Vários	U2 (The Best of 1990-2000, Island 2002)
Vários	Yann Tiersen (Les Retrouvailles, Labels / Virgin Music / Ici D'Ailleurs 2005)